

À Biblioteca Pública de
Braga

TEMPO NA LIVRE

29
DEZEMBRO
1962

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

TEM CUSTADO MAS VAI... As Tristezas de Taleigão

Publicou o Correio do Minho um artigo do Secretário Nacional de Informação sobre Turismo. O confronto das raças e as qualidades de cada uma não deixam dúvida do leitor que a portuguesa tem mostrado e provado e disso não faz monopólio, possuir as mais apreciáveis qualidades de carinho e bondade para com o seu semelhante e muito especialmente quando êle é hospede. A afluência de turistas tem aumentado no decorrer dos anos porque os que partem dão as melhores referências aos que querem vir visitar um dos mais admiráveis países do Mundo.

Admitindo-se que a cultura dos povos visitantes não sofra do atraso de uma grande percentagem que padecia o povo Português, é natural que a nossa história seja mais conhecida fora de casa e eis a razão da grande curiosidade dessa gente que procura com justificada inteligência vêr o que as suas terras não poderão mostrar: Monumentos levantados em homenagem aos nossos feitos de que esses povos, alguns deviam ter beneficiado.

Para esses povos a história está limitada ao gôso pleno da felicidade que tantos sofreram para a poder legar à humanidade bastante esque-

cida, muito egoísta e consagrada às descobertas do Infinito aonde tudo é encontrado feito... pelo Criador.

Mas isso é se lá conseguirem chegar o turismo, para lá, deverá ser muito limitado não só pela distância como pelo preço e até pelas acomodações.

Continuemos pois a receber bem os que nos procuram e que tantos nos honram mas não esqueçamos que a História de Portugal exige dos seus filhos o máximo sacrifício para não envergonhar quem tanto procurou dignificar a raça Lusitana.

Elisio Gonçalves

Parece-me estar a ver ainda, mal definida em névoa da madrugada, a mancha acinzentada da terra de Goa, entre as embocaduras do Mandovi e do Zuari. Foi há dez anos, e parece-me que foi ontem.

Depois do desembarque em Dona Paula e o caminho até Pangim. Estou a ver, quando passamos em Caranzalém, as mulheres morenas e delgadas envoltas em saris vistosos, com as cantarinhas apoiadas à ilharga, andar lento, a caminho da fonte — e a ilusão momentânea de se tratar de figuras bíblicas arrancadas ao tempo, ou esquecidas no tempo.

Parece-me estar a ver em Pangim, no Palácio do Idalcão, a sala dos Vice-Reis, onde os retratos dos velhos governadores, heroicos e firmes, eram a ordem esmagadora de um dever. Em frente, na calma do rio, os pat-marins eram miniaturas das antigas naus, a que nem faltava o castelo da pôpa.

Parece-me andar a percorrer a cidade, a deter-me junto do túmulo de Afonso de Albuquerque, ou a deslocar-me a Velha Goa, assistir às cerimónias da Sé, curvar-me diante do túmulo de S. Francisco Xavier, admirar a talha rendilhada da Igreja de S. Caetano, passar sobre o arco dos Vice-Reis, olhar com respeito as pedras dos edifícios de uma cidade que fora grande e a nossa teimosia ia fazer voltar à grandeza espiritual a que tinha direito. E as paisagens, de uma doçura imensa, com todos os tons de verde da vegetação sobre o vermelho ferruginoso da terra? E as arêqueiras airosas e as figueiras de raízes aéreas?

E a travessia de Ribandar, caminho tão lindo? E Pondá, a Sintra de Goa?

Parece-me estar à beira do mar na praia de Calangute, ou de Colvá, ou a deslocar-me para o Sul, entre as florestas onde se esconde o tigre. E ver por toda a parte as igrejinhas cristãs, ao lado das mesquitas e dos templos hindús. E a visitar os suamis, que são chefes religiosos de alto nível espiritual, recolhidos no meditar e na oração. E a penetrar nas devalaias onde se veneram as imagens que nós não entendemos senão quando não somos capazes de entender os sentidos simbólicos das figuras.

Parece-me estar a percorrer os caminhos de Damão, onde paira ainda, dominadora, a figura de D. Constantino de Bragança. E a parar defronte do Forte de S. Jerónimo, encimado o portal peja imagem que desaparece, nos dias de temporal, para ir acudir aos pescadores em perigo.

(Continua na 4.ª página)

O TEMPO e a AGRICULTURA

Todo o país está sobre uma vaga de frio com temperaturas baixíssimas, de que não há memória, chegando o termómetro a atingir alguns graus abaixo de zero.

Entre nós, o meio grau abaixo de zero atingido, tem gravíssimas repercussões na agricultura, sobretudo na parte mais rica que são os laranjais.

O gelo que os tem atacado põe em risco não só a fruta de este ano mas também a dos anos futuros, pois queima

todos os ramos novos.

Já começa a cair em grande abundância a folha e alguns frutos.

A última intempérie deste género verificada há 6 anos, ocasionou prejuízos que foram avaliados em 10.000 contos em todo o concelho.

Se não houver uma rápida mudança de tempo, arriscamo-nos a presenciar, impotentes, cataclismo igual.

Para os gados a seca que se faz sentir a tempos é também de funestas consequências pois as ervas e pastos tem sofrido não só com a intempérie como com a falta de água.

Deus queira que as consequências não sejam ainda maiores do que agora se prevêem porque se assim não for muitas recordações tristes nos deixará este ano de 1962.

Dois mitos que se desfizeram

Nehru perdeu a face. Mas ganhou a partida. Haja agora o que houver, estabeleça-se um acordo sobre a linha da fronteira ou recomece mais tarde ou mais cedo a ofensiva chinesa, já o mundo formulou acerca da União Indiana o seu juízo definitivo. Esse absurdo e babélico aglomerado de povos, de castas, de culturas, de religiões de idiomas nascera à sombra do prestígio mundialmente alcançado por um homem na verdade extraordinária, um

asceta dotado de excepcional poder de vontade e senhor de uma daquelas inteligências que juntamente com a fé movem montanhas: Gandhi. Nehru apresentara-se, depois, apesar da sua passagem por Cambridge, da rosa na lapela e de um snobismo por demais evidente, como o herdeiro espiritual de Gandhi, o portador da sua mensagem de paz, o continuador da filosofia da não-violência. E foi isso, apenas isso, o que fez, no

(Continua na 4.ª página)

«OS LUSIADAS»

por REIS BRASIL

Acaba de sair o 1.º tomo do volume III da monumental e exaustiva obra do Prof. Reis Brasil, «Os Lusíadas»: *Comentários e Estudo Crítico*, a que a crítica responsável de Portugal e do Brasil se tem referido em termos bastante compreensivos e animadores, não regateando altos elogios à mais extensa e profunda exe-

gese sobre o poema imortal de Luís de Camões.

A obra completa deve constar de doze volumes. Serão dez volumes para o estudo respectivo dos dez Cantos (um por cada Canto); os dois volumes restantes serão dedicados a exames de conjunto sobre aspectos gerais de toda a epopeia. Entre esses estudos figurará a tese com que Reis Brasil tentará provar que a *epoia camoniana* é muito superior a qualquer outra, mesmo que essa epopeia tenha como autores Homero ou Virgílio. Além destes estudos, no final da obra haverá mapas e índices gerais. Estes compreenderão índices de todos os volumes, índices por assuntos, índices geográficos, índices históricos, índices mitológicos, índices de construções gramaticais. Não faltará um pequeno dicionário de figuras de linguagem e figuras de retórica.

* * *

Reis Brasil apresenta, nesta obra, uma nova interpretação (Continua na 4.ª página)

Nota informativa

Uma das primeiras actividades desta Federação foi a de uniformizar as regalias dos associados das Casas do Povo deste Distrito, que se encontravam em alguns casos com esquemas de benefícios bastante díspares.

Assim, depois de várias reuniões realizadas através do Distrito com os dirigentes de todas as Casas do Povo, o Conselho da Federação aprovou o seguinte esquema de benefícios — obrigatório e mínimo — para todas as Casas do Povo:

Assistência Médica — Absolutamente gratuita na sede do Organismo ou no domicílio do seu associado, podendo dela beneficiar tanto o sócio como os seus familiares.

Subsídio na Doença — Conce-

dido a todos os sócios efectivos, nos termos dos Estatutos e tendo por base os salários médios de 20\$00 para homens e 15\$00 para mulheres.

Subsídio para Medicamentos — Sócios efectivos — 50 %
Fam. de sócios efectivos 25 %

Subsídio por Morte — 150\$00
Sub. para Casamento — 100\$00
Subsídio por Nascimento de Filho — 50\$00

Além disso e por virtude das suas receitas próprias, as Casas do Povo estão ainda a conceder subsídios extraordinários e imperiosos, e a distribuir livros escolares aos filhos dos seus sócios efectivos.

O n.º 4.º do art.º 13.º do Decreto-Lei n.º 41.286 de 23 de Setembro de 1957 que cria as Federações das Casas do

Continua na 5.ª página

TRIBUNA AGRICOLA

Viveiristas de árvores de fruto

Foi publicado uma importante medida legislativa para o progresso da nossa fruticultura regulando o exercício da actividade dos viveiristas de árvores de fruto.

Do preâmbulo que abre este documento, (que por falta de espaço infelizmente não podemos publicar na íntegra) transcrevemos as seguintes passagens:

«Apesar do vasto trabalho já empreendido pelos serviços oficiais no domínio da arboricultura, a verdade é que não se conseguiu ainda levar a cabo a ambicionada renovação pomareira. Na realidade, a fruta não abunda, a sua qualidade é, de uma maneira geral, ainda inferior, os preços por que em regra chega ao consumidor são elevados em relação ao seu valor intrínseco e o volume de fruta de qualidade não é suficiente para se poder concorrer com longo êxito, nos mercados externos».

«A tarefa é, sem dúvida, ingrata e complexa, porquanto obriga a uma séria estruturação de todas as actividades frutícolas, com a adopção de modernas técnicas culturais, a montagem de uma rede comercial eficiente, a conservação da fruta em instalações apropriadas, a industrialização da que não tenha características para ser comercializada em fresco, etc.».

«Ora, entre as mais elementares regras técnicas necessárias à valorização do pomar português conta-se a do emprego de plantas sãs, correspondentes às variedades que se deseje plantar, enxertadas sobre os porta-enxertos mais adequados a cada caso».

«Ter-se-á, por isso, de encarar com decisão o problema dos viveiros de árvores ou arbustos produtos de frutos pois há que reconhecer que, salvo escassas excepções, os viveiros actualmente existentes não correspondem às exigências de uma moderna fruticultura».

As principais disposições do presente diploma são as seguintes:

Artigo 1.º Toda a entidade, singular ou colectiva, que se dedique ou pretenda dedicar à produção para venda de plantas ou partes de plantas para propagação e de árvores, arbustos e subarbustos, com vista à produção de frutos, deve requerer à Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas a sua inscrição como viveirista.

§ 1.º Os requerimentos, a apresentar até 15 de Abril

de cada ano, serão acompanhados de descrição dos viveiros a instalar, com indicação das espécies e variedades a cultivar e da localização, área e confrontações dos respectivos terrenos, assim como de um esquema topográfico.

§ 2.º O aumento da área dos viveiros deverá ser também requerido, nos termos do parágrafo anterior.

Art. 2.º Os requerentes devem ser pessoas reconhecidamente idóneas e têm de comprovar, por documento bastante, que o responsável possui, como habilitação mínima, o exame da 4.ª classe da instrução primária.

Art. 3.º Serão estabelecidas, por portaria, áreas mínimas para os viveiros que se destinem unicamente à propagação de uma ou duas variedades da mesma espécie e para os que procedam à multiplicação de maior número de espécies de variedades.

Art. 4.º Os terrenos onde se pretenda instalar viveiros serão vistoriados por funcionários da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas.

§ único. As vistorias serão pagas nas condições que vierem a ser estabelecidas.

Art. 5.º A Direcção-Geral divulgará a lista das espécies e variedades cuja cultura mais interesse fomentar.

Art. 6.º Tanto as plantas-mães como os talhões de multiplicação devem estar devidamente assinalados e separados por espécies e variedades, de modo a garantir uma perfeita distinção entre o material cultivado.

Art. 7.º Cada viveirista terá um número de inscrição, que deverá figurar em lugar bem visível do viveiro.

Art. 8.º Os viveiristas inscritos devem enviar, em triplicado e até 31 de Maio de cada ano, uma relação das espécies e variedades cultivadas, em cada talhão, fazendo-a acompanhar de uma esquema gráfico da sua distribuição.

Art. 9.º Os viveiristas só podem dispor do material dos seus viveiros quando autorizados por licença e esse material só pode circular ou ser vendido ou expostos à venda quando a sua origem ou proveniência seja autenticada por meio de etiqueta impressa, donde conste o nome e número do viveirista respectivo.

§ único. A licença a que se refere este artigo é anual e constará da lista a publicar no *Diário do Governo*, durante o mês de Outubro.

Art. 10.º Os viveiristas au-

torizados deverão fornecer aos compradores uma factura discriminativa da quantidade do material vendido e da sua natureza, por espécies, variedades, categorias e porta-enxertos utilizados.

Art. 11.º A Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas poderá autorizar, segundo normas a estabelecer, a multiplicação especializada de árvores de fruto com particular interesse para o fomento frutícola.

§ 1.º Se a qualidade das árvores o justificar, ser-lhe-á concedido garantia oficial, assegurada pela selagem individual das plantas aprovadas.

§ 2.º Os viveiristas pagarão o serviço de selagem, nas condições que vierem a ser estabelecidas.

Art. 12.º A circulação ou transporte de material de viveiros se a etiqueta referido no artigo 9.º anterior é punida nos termos do artigo 33.º do Decreto-Lei n.º 41204, de 24 de Julho de 1957.

Art. 13.º A venda ou exposição à venda do mesmo material não autenticado por forma prevista no artigo 9.º e o seu uso indevido do selo de garantia previsto no § 1.º do artigo 11.º são punidos com a pena prevista no artigo 217.º do Código da Propriedade Industrial.

Art. 14.º A tentativa bem como a frustração previstas neste diploma são sempre puníveis.

Art. 15.º Os serviços podem exigir que seja feita a prova da origem dos porta-enxertos utilizados, tanto quanto a qualidade como a quantidade, desde que nos viveiros de multiplicação de pomóideas se empreguem porta-enxertos do tipo ananicante ou semianicante.

Art. 16.º Os viveiristas pagarão anualmente, em função da área explorada, uma importância que será fixada nos termos do artigo 24.º.

Art. 17.º As inspecções suplementares determinadas pela inobservância das instruções dos serviços serão pagas nas condições que vierem a ser estabelecidas.

Art. 18.º Quando em qualquer viveiro, for verificada a existência de doenças ou inimigos graves, de erros de classificação ou de misturas de variedades, o serviço de inspecção poderá mandar proceder à destruição das plantas que julgue necessária, ficando todas as despesas a cargo do proprietário do viveiro, sem prejuízo do disposto no artigo 19.º.

Art. 19.º As infracções disciplinares devidas a negligência grave ou a dolo serão punidas nos termos do Decreto-Lei n.º 41204, de 24 de Julho de 1957.

Art. 20.º Os viveiristas inscritos que não satisfaçam ao que vier a ser estabele-

O VINHO

...Quando bom, não precisa de pregão
— e sempre vale mais um tostão!

E em boa verdade, o adágio corresponde à veracidade do seu conceito. Por isso, o vitiviniculor continua a dispensar todo o esmero tanto aos vinhedos como à vinificação das massas e conservação dos vinhos.

Sabe-se que a cultura da videira desempenha uma função cimeira na vida económica e social do nosso país, porque emprega e remunera o maior número de trabalhadores rurais durante o ano agrícola.

Para se ajuizar do seu montante, bastará referir que ocupa uma superfície de cerca de 400 milhares de hectares, à qual corresponde uma produção média de 10.000.000 hectolitros de vinho.

No país das uvas... como o definiu o consagrado escritor Fialho de Almeida num dos seus escritos magistras, continua a impor-se o aperfeiçoamento tecnológico de molde a obterem-se vinhos acreditados nos mercados interno e de exportação, pois o seu comércio constitui uma das melhores alavancas económicas da nossa actividade.

E para termo deste epítome vinícola não seria curial deixar de pôr em relevo que a videira europeia, designação atribuída à *Vitis vinifera*, Lin., arbusto da família botânica das Vitáceas, é credora das maiores atenções também pelas possibilidades industriais que o seu fruto proporciona (sumos, refrescos, passa de uva, etc.).

Planta da mais remota antiguidade, dado o seu ca-

rácter de cultura colonizadora, ela é a anunciadora das grandes civilizações, significando a sua introdução no mundo a libertação da vida nómada e incerta da tribo bem como a sua entrada numa era de maior estabilidade. E o mesmo se pode dizer relativamente à transformação tecnológica da uva em vinho — essa deliciosa bebida que reconforta e encanta, que inebria, que embriaga... Reconhecidos os atributos e o seu valor económico, tanto os Hebreus como os Gregos e depois os Romanos deram o maior impulso à técnica do cultivo e da vinificação. Atestam-no os vinhos de Chipre que ainda hoje gozam de justa e grande reputação.

Desde Virgílio que os poetas enalteceram as virtudes do vinho. Anacreonte cantou-o no «Elogio ao Vinho», Catão e Arquíloco, filho de Paros e do sacerdote Telésicles, divinizaram-no. Safo exaltou-o e Salomão, no «Cântico dos Cânticos», elogia-o e faz-lhe alusões muito curiosas ao descrever as graças de Sulamita...

Segundo parece, no nosso país, a cultura da vinha teve início junto à foz do Tejo, mas depressa se estendeu a todas as outras regiões e no reinado de D. Fernando logo se começou a exportar os nossos afamados vinhos, movimento que tem evoluído por forma bem notória até à actualidade e que representa um dos pilares da nossa estrutura económica e social.

§ 1.º A destruição deverá ser efectuada pelo viveirista, sob a fiscalização dos serviços de inspecção e dentro do prazo que esta fixar.

§ 2.º Nos casos especiais em que o arrancamento de plantas for motivado pelo ataque de doenças ou inimigos graves, não devido a simples negligência na defesa fito-sanitária dos viveiros, a Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas poderá propor a concessão de indemnizações ao abrigo e nos termos do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 38017.

Art. 19.º As infracções disciplinares devidas a negligência grave ou a dolo serão punidas nos termos do Decreto-Lei n.º 41204, de 24 de Julho de 1957.

Art. 20.º Os viveiristas inscritos que não satisfaçam ao que vier a ser estabele-

cido nos termos do artigo 3.º poderão, sem prejuízo da observância das prescrições constantes do presente diploma, continuar a explorar os seus viveiros durante o prazo máximo de três anos, contado a partir da data da publicação da portaria a que o mesmo artigo se refere.

§ 1.º Estes viveiros não constarão da lista oficial, a publicar nos termos do artigo 9.º.

§ 2.º Findo o prazo a que se refere o corpo deste artigo, e no caso de não ter sido dado cumprimento ao que vier a ser estabelecido quanto a áreas mínimas, o exercício da actividade viveirista será considerado clandestino e dará lugar às penas previstas no artigo 48.º do Decreto-Lei n.º 41204.

TRIBUNA do CONCELHO

Incursões na

Região de NOQUI

O facto não constitui surpresa, porque já era esperado, pois nem os seus autores guardaram antecipado segredo, nem estava fora da «lógica» de actuação dos nossos inimigos: nos últimos dias têm-se multiplicado os «incidentes» provocados pelos terroristas, não só em regiões dentro do nosso território, espicaçados e auxiliados de fora, mas muito principalmente em certas zonas fronteiriças por meio de grupos importantes, arregimentados lá fora e nos quais se conta uma minoria de elementos angolanos.

Embora as autoridades venham guardando certa reserva quanto aos pormenores dessas acções, podemos contudo informar que repetidas incursões têm sido levadas a cabo em vários pontos da fronteira Norte, mais insistentemente nas proximidades de Noqui e na fronteira da Lunda. As circunstâncias, porém, e sobretudo os objectivos de tais incursões, são manifestamente distintos.

Assim, neste ultimo caso, tudo indica tratar-se de pequenos grupos de soldados do Exército Regular do Governo de Leopoldville, que em perseguição de bandos de guerreiros tribais do Cassai, obedientes a Kalongi, atravessam talvez inadvertidamente a nossa fronteira, abrindo fogo contra habitantes da nossa Lunda.

Estes «incidentes» têm sido notificados às autoridades congolezas e, da nossa parte, têm sido tomadas as providências aconselhadas, como o reforço de certas posições fronteiriças, e o acréscimo de vigilância sobre determinados pontos de passagem da fronteira.

Mas nos incidentes registados em volta de Noqui o objectivo é marcadamente diferente. Tem-se pretendido, pura e simplesmente, experimentar as possibilidades de uma incursão «em força», destinada a permitir a instalação, no território de Angola, de um pretensu «Governo nacionalista angolano», que, a curta distância das bases de preparação e apoio no vizinho Congo, procuraria subsistir, nem que fosse apenas por alguns dias, para poder afirmar «urbi et orbi», que é como quem diz na ONU, a real existência de um tão reclamado «movimento» nacionalista angolano, que, por outro lado, solicitaria imediatamente os apoios e auxílios pródigamente oferecidos por tantos e tão variados apadrinhadores de independências feitas a martelo.

Não podemos, evidentemente, entrar em pormenores, até porque não os conhecemos suficientemente. Mas estamos habilitados a dizer que todos os esforços até agora feitos nessa louca tentativa têm sido energeticamente rechaçados, não sem que da nossa parte soframos as inevitáveis consequências de cobardes agressões praticadas quase sempre à traição, a coberto do apoio mais que claro que aos facinorosos é dado «do outro lado»...

Tais esforços têm sido notavelmente intensificados nos últimos dias, pois eles sabem que a loja está para fechar dentro de dias. Ou por outras palavras — que a ONU vai encerrar os seus trabalhos para as férias do Natal e do Ano Novo.

Obviamente, o «golpe tático» só teria valor se tais esforços fossem bem sucedidos agora, no momento em que a camarilha afro-asiática se dobra e multiplica em esforços para fazer aprovar sucessivas moções contra Portugal e se esfalfa num berreiro histórico contra a «ameaça à paz e à segurança mundial em Angola».

Mas, embora aqui pudéssemos corroborar em parte tal berreiro, confirmando que efectivamente as repetidas agressões preparadas «do outro lado» contra as nossas posições de fronteira podem pôr em perigo a nossa paz e a nossa tranquilidade, tem-se julgado mais acertado não cooperar nessa barulheira frenética, e proceder calma e seguramente na defesa do nosso território e das nossas populações.

ESCLARECIMENTO

Como na 2.ª coluna da 3.ª página do número em referência, desse semanário se fazem referências à minha pessoa que, sendo obsequiosas na forma, contém alguma inexactidão, tenho a honra de rogar a V. Ex.ª, se digne dar no mesmo local do número próximo, publicidade a este esclarecimento:

Na realidade a solução achada para o caso do Posto de Amares, desta Guarda, não me é devida — sim à Câmara Municipal de Amares, da Presidência então do Sr. Dr. Eduardo Gonçalves.

Porque era a única que a Entidade alojante apresentava e se traduzia em apreciável melhoria relativamente às impróprias instalações anteriores, dei-lhe como me cumpria, o seguimento necessário.

Mas não passa de paliativo — aliás aceitável, por dilatado período — e assim está entidido com o Município, cujo actual Presidente prometeu construir oportunamente, no lugar apropriado e com risco expressamente concebido, o imóvel que possamos considerar definitivamente o quartel da G. N. R..

Quanto à actividade desenvolvida para a efectivação da transferência, não se limitou às minhas intervenções unicamente, como a local parece querer significar, mas a um conjunto de esforços das pessoas ligadas, por qualquer forma, ao acontecimento, a que cada qual deu a contribuição que devia, na medida em que melhor o soube fazer. Cumprimentando atenciosamente, agradeço a adjectivação benevolente.

A Bem da Nação
O comandante da secção
José Maria Teixeira
Tenente

D. Maria Ascensão da Silva Bacelar

Confortada com os Sacramentos da Santa Igreja faleceu na Casa de Costariça, Cervães-Vila Verde, de onde era natural a Senhora D. Maria Ascensão da Silva Bacelar de 83 anos de idade, que foi professora do Ensino Primário mais de 40 anos e que presentemente se encontrava na situação de aposentada.

Esta muito estimada senhora era irmã dos Senhores Dr. J. Cândido Bacelar, médico, Jornalista, David Bacelar e D. Rosa Bacelar proprietários todos residentes em Cervães-Vila Verde.

Entre os seus imensos sobrinhos contamos o Magnifico Reitor da Faculdade de Filosofia Doutor Bacelar Oliveira, Frei João Bacelar Oliveira, José Bacelar, bolseiro da Fundação Goulbenkian na Suorbourne em Paris, D. Maria Guilhermina e Carlos Bacelar funcionários dos CTT nesta localidade, D. Maria Isabel e D. Maria Ascensão Bacelar professoras do Ensino Primário, Luís Filipe e Nuno Bacelar funcionários Judiciais em Valença e Barcelos, João Casal Novo, André Nunes, e Esposas, Comerciantes, António Bacelar e Esposa Funcionários, residentes em várias cidades do país.

O seu funeral realiza-se hoje às 9,30 para jazigo próprio.

Tribuna Livre, que entre os doridos, conta com grande número de amigos envia a todos as suas sentidas condolências.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

CARRAZEDO, 24-12-62

Natal dos Pobres

Aos pobres desta freguesia foram distribuidos bodos em géneros alimentícios enviados pelo Governo Civil de Braga.

Comarca de Amares

Está para Janeiro marcado o inicio dos serviços Judiciais da comarca restaurada. As instalações do antigo edificio foram ampliados de tal forma a satisfazerem de momento as aspirações do concelho.

Grémio da Lavoura

O novo edificio de escritórios e armazéns que já funcionam no lugar dos Guiames ainda não foram inaugurados solenemente mas a sua grandiosidade dispensa comentários e a localização excelente carece apenas do monstro fronteiriço, a estorvar e perturbar o progresso, de ser expropriado.

Parabéns à Ex.ª Direcção que se encarregará de completar a beleza estética da vila de Amares.

G. N. R.

As novas instalações, elegantes e sobrias, cumulam-se com a disciplina das pra-

ças e comandante, mercedores dos nossos louvores e das instalações soberbas que honram a Corporação.

Emigrantes

Regressando de França e Canadá vários Emigrantes de visita às famílias, visita que se repete mais de uma vez por ano tal é o nível de vida desses países. Transformados no seu aspecto fisico e social e a sua rapidez causa aos que cá estão o desejo natural da fuga seja de que forma for. Os agricultores estão na primeira fileira porque as dificuldades agricolas justificam a abalada. A terra ainda não foi enriquecida com as descobertas de uma política rural sofrível. A terra sendo o berço dos nossos ossos e mãe criadora da vida, repouso e pacificação da ganância dos homens, é um capitulo inesgotável de verdades humanas. Não é em vão que o agricultor lhe pede a paga das suas canseiras. O que não deve ser abandonada para correr atrás doutros astros mais misteriosos que uteis e aonde se gasta o que faz falta às realidades indiscutíveis da vida humana: a garantia e segurança da própria vida das gentes que lutam inglóriamente. C.

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Amares

AVISO

Como determinam os Estatutos, a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Amares convoca a Assembleia Geral ordinária para o dia 18 do próximo mês de Janeiro, pelas 14 horas, na sua Sede, no largo Dr. Oliveira Salazar, desta Vila, sendo a ordem do dia:

- 1.º — Discutir e votar o Balanço, as conclusões do Relatório da Direcção e o parecer do Conselho Fiscal.
- 2.º — Julgar os Actos da Administração.
- 3.º — Fixar ordenados.

Não se reunindo a maioria dos sócios para a realização da referida Assembleia, fica esta adiada para igual hora do dia 26 do mesmo mês, procedendo-se então válidamente com qualquer número de sócios presentes ou representados.

A escrituração e os documentos relativos às operações sociais estão patentes ao exame dos sócios.

Amares, 15 de Dezembro de 1962.

O Presidente da Assembleia Geral,

José António Sousa Fernandes

Visado pela C. de Censura

OS LUSIADAS,,

(Continuação da 1.ª página)

de «Os Lusíadas». Com ela desaparecem, definitivamente, todas as dúvidas. Não há episódios de embelezamento; não há episódios de pura mitologia. Camões é o poeta que conseguiu realizar o milagre de transformar as realidades em poesia pura e num grau muito elevado. Para isto serviu-se dum conjunto de símbolos de incalculável valor e de singular beleza. É isto de tal forma assim que podemos considerar o nosso Trinca-Fortes como o maior e mais expressivo simbolista de toda a humanidade.

A obra de Reis Brasil entra no estudo integral de todos esses símbolos, fazendo ver a sua interpretação sob o ponto de vista de realidades da vida nacional, de realidades de humanismo, de realidades do mar e dos seus fenómenos, de realidades da própria vida do épico em face dos grandes problemas do Homem através das mais duras vicissitudes da existência. Por isso a interpretação de Reis Brasil é inteiramente nova. É a primeira vez que, em perto de quatrocentos anos de camonianismo, o poema é visto em todo o seu esplendor, em toda a sua magnificência. Quase pode afirmar-se que a interpretação de Reis Brasil é uma recreação da própria epopeia lusíada.

Ninguém hoje poderá ter ideias sobre o valor da epopeia lusa sem ler, meditar e acompanhar Reis Brasil na sua exposição. Tudo quanto se fez até hoje não tem ponto de comparação com este estudo criador de Reis Brasil. Inúmeras dificuldades de interpretação geral ficaram definitivamente resolvidas. A própria gramática do épico foi posta em plena evidência, sem ser preciso recorrer a contínuas modificações do texto, como o fizeram grandes camonianistas, estando incluído entre eles o Doutor José Maria Rodrigues. A grande maioria dos comentadores do épico evita as dificuldades graves, passando por cima delas sem sequer lhes tocar: Reis Brasil, ao contrário, resolve todas essas dificuldades sem ficar uma única sombra na luz fulgurante da nossa epopeia. As anotações das variadas edições de «Os Lusíadas» são deficientíssimas, como se pode ver pelo exame dessas mesmas edições. Algumas delas só metecem acolhimento pelo luxo de apresentação.

Entra a obra de Reis Brasil e quantas até hoje foram publicadas não há possibilidade de ponto de encontro. Esta obra é novidade no sentido pleno da palavra. Quem quiser conhecer Camões, tem de lançar mão desta obra, pois nenhuma outra descobriu o filão de realidades que Reis Brasil nos faz viver e sentir através das páginas desta obra. Os que já tiveram o prazer espiritual de a ler e meditar,

escrevem ao autor pedindo a urgente continuação deste trabalho, cuja envergadura é vista através das suas páginas.

Alguns testemunhos sobre esta obra

Do notável escritor lusófilo, o distinto Catedrático espanhol, Prof. Doutor José Maria Viqueira, da Universidade de Madrid:

«Le felicito por el amor, la cultura, la didáctica y el buen sentido con que sabe darse a Camões en este primer volumen de sus Comentarios a «Os Lusíadas». Si los demás tomos van ser así ya le valió la pena ter nascido... porque no morirá para la cultura Lusitana».

Do notável homem de letras, Prof. Doutor Soares Amora, Director da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (São Paulo-Brasil):

«Sua capacidade de realização e de estudo é fabulosa. Seu «Comentário» aos «Lusíadas» é das melhores coisas que tenho lido em matéria de penetração no texto e de clareza».

Do crítico brasileiro Jaime Franco:

«Reis Brasil construirá uma obra monumental de crítica literária que impõe um saber da maior grandiosidade na Literatura, na Filosofia e na Ciência».

Do grande camonianista Rúben Franca:

«Isto é que é camonianismo: sen-

tir, penetrar, compreender o pensamento camoniano em todas as suas sutilezas e facetas culturais. O Prof. Reis Brasil, ... com argumentação segura, abre novos horizontes, descobre novos mundos nesse oceano belo e profundo que são «Os Lusíadas».

Do Doutor José Pedro Machado (in «Boletim da Sociedade da Língua Portuguesa», de Julho de 1962):

«...estamos em presença de uma das mais notáveis obras aparecidas sobre a epopeia Nacional e que, até pela linguagem correcta e clara em que está redigida, bem merece ser lida por todos os Portugueses».

Do Doutor Álvaro Salema (in «Diário de Lisboa», de 2-11-61):

«... Camões e «Os Lusíadas» têm preenchido nessa obra (de Reis Brasil) o mais vasto lugar, motivando o ambicioso desígnio de um exaustivo estudo que virá a incluir 12 volumes no âmbito de minuciosa enciclopédia do camonianismo. O segundo volume da série foi há pouco publicado, assinalando a continuidade de uma devoção intelectual que merece positivas simpatias».

De Guedes de Amorim (in «Século Ilustrado», de 6-5-61):

«...Quando se julgava estar já tudo investigado e explicado sobre o nosso livro dos livros, vem o professor Reis Brasil mostrar, e com toda a autoridade, que muito havia a dizer... A par desta revelação, o eminente autor faz uma nova interpretação de «Os Lusíadas», mas sem superfícies enganosas, dando-nos o poeta genuíno numa constante oferta de poesia em graus elevados».

As tristezas de Taleigão

Continuação da 1.ª página

E percorro, depois das estradas da União Indiana, as terras dos enclaves portugueses de Dadrá e Nagar-Aveli.

E assisto ao espectáculo maravilhoso das muralhas de Diu a vomitarem fogo, estrondosamente, pelas peças de artilharia de há séculos. E caminho, esmagado de espanto, sobre aquelas muralhas que têm quilómetros e onde ressoam os brados de António da Silveira e D João de Mascarenhas.

Tudo ali se mistura no passado deste povo que abriu as portas do mundo moderno: estrofes de Camões e a palavra de S. Francisco Xavier, a virtude de D. João de Castro e a pertinácia de Albuquerque, o martírio de S. João de Brito e a ciência de Garcia de Orta. Santo Deus, o que a Índia representa de grandeza passada!

E ao lado disso, todo um esforço renovador, na abertura de estradas, no rasgar de canais para regadio dos campos, na construção de edifícios, na exploração das minas de ferro, no comércio no ensino e na educação das gentes.

Passado e presente esmagados, há um ano, pelo rolo compressor de um exército inimigo, um exército de ocupação estrangeira. Até quando?

Goa foi-nos arrebatada pela primeira vez em 20 de Maio de 1510. Afonso de Albuquerque teve de abandonar a cidade e recolher-se às naus, onde aguentou, sob a fúria duríssima da monção, a fome, as doenças, o enervamento dos soldados. Só meses depois, a 10 de Novembro, teve possibilidades de retomar a cidade. Mas enquanto esteve nas naus e a cidade sequestrada, não lhe faltou o apoio moral da população que ia de noite, em bateis silenciosos, levar às naus os mimos da terra. Distinguiu-se nessa amizade a gente de Taleigão e daí ficou o costume de, todos os anos, os principais daquela terra irem oferecer ao Governador-Geral, em cerimónia solene, as primeiras espigas colhidas no campo.

Taleigão é um símbolo. Símbolo de uma amizade que ficou como bom augúrio na constituição, há séculos da nova família portuguesa. Símbolo que corresponde a uma

Dois mitos que se desfizeram

Continuação da 1.ª página

mundo, a força da União Indiana e, na própria península indústânica, por cima dos ódios de casta e das mais tremendas e clamorosas desigualdades de fortuna, a força de Nehru. Não atentaram sequer os esquerdistas em que nos territórios governados por essa criatura que se dizia das esquerdas milhares de pobres (os pobres mais miseráveis de toda a Terra) morriam todos os dias de pura miséria à porta de palácios recheados de todas as riquezas das mil e uma noites. E não quiseram ver os estadistas das grandes potências ocidentais que por detrás da afabilidade aparente de Nehru, por detrás dos seus sorrisos untuosos, o que, de facto, existia apenas era o seu enorme orgulho de brâmane — e o seu imenso ódio ao Ocidente: para este continuava a ser o discípulo de Gandhi, o apóstolo da coexistência, o porta-archote do pacifismo a caminhar imperturbável e olímpico por entre as inquietações e as angústias de uma humanidade recosa da guerra. Assim se formou, além do mito da União Indiana — grande potência, o mito de Nehru — grande homem.

Até que veio a invasão de Goa... E deu-se o desmoronamento moral de Nehru. Afinal, o pacifista não passava de

realidade de sempre. Aos soldados metropolitanos que estiveram neste ano presos em Goa, não faltou nunca, apesar das proibições, a presença de milhares de goeses, de todas as religiões, a levar presentes e palavras de amizade. E não faltaram lágrimas entre os que assistiram, no cais de Betim, à partida dos soldados.

Taleigão é um símbolo. Símbolo das certezas que são para além das horas do cativo.

Afonso de Albuquerque esperou seis meses, entre os temporais, a fome e o desespero dos que não vêm para lá do presente = esperou a hora do resgate. Nós teremos de esperar mais. Esperaremos o que for preciso — mas acreditamos no resgate. Goa não é uma página passada: é uma dívida em aberto. — A

um guerreiro brutal, o apóstolo da não-violência não passava de um déspota idêntico aos déspotas orientais de todos os tempos. Desfez-se assim o mito de Nehru, ficou reduzida a cacos a sua estátua de barro, o seu próprio gesto destruiu de golpe todo o seu prestígio internacional, na sua lapela murchou — por certo de vergonha — a própria rosa do seu petulante, insolente snobismo.

Permanecia, porém, de pé o outro mito, o mito da União Indiana — grande potência, factor de equilíbrio e mesmo de eventual conciliação entre o Ocidente e o comunismo. E os povos ingénuos que deixavam de esperar da bomba atómica o milagre da paz tão desejada não se admirariam de que um dia o milagre viesse da vaca sagrada...

Simplemente, havia a China — a China, que é, com comunismo ou sem comunismo, uma nação autêntica, ao contrário da União Indiana.

Nehru, ao mesmo tempo que teimava em se proclamar o fiel discípulo de Gandhi, julgava-se, no seu íntimo, o herdeiro do imperialismo britânico — e persistia em querer manter com a China as mesmas fronteiras impostas pelos ingleses no apogeu da sua glória e do seu poderio. O choque tornou-se, pois, inevitável entre uma China que recuperara o Tibet e uma União Indiana que não desistia de exercer o seu protectorado nos Estados himalaicos irmãos do Tibet.

Nehru, mais uma vez, não soube recuar a tempo. Ao ordenar a invasão de Goa para pôr na hirsuta cabeça do seu dilecto Krishna Menon uma coroa de loiros salpicada de sangue, desonrou-se — moralmente, suicidara-se. E agora, ao determinar que os seus soldados resistissem ao avanço das formigas chinesas, arrastou-as para o que não podia deixar de ser militarmente uma derrota — e politicamente o malogro, a falência, o fim da União Indiana.

Foi assim que Nehru acabou por ser indigno das duas heranças que recebera em depósito: a de Gandhi (o asceta do pacifismo) e a do Império britânico das Índias.



FUNDADA EM 1835

COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO',
SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança
AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Visado pela C. de Censura

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Nota Informativa

(Continuação da 1.ª página)

Povo, consigna que constituem receitas deste Organismo «as participações destinadas à protecção e defesa da família nos meios rurais, que lhes sejam atribuídas pelo Fundo Nacional de Abono de Família».

Um recente despacho de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, permitiu dar execução à

previsão legal citada e assim no próximo ano, esta Federação vai receber do Fundo Nacional de Abono de Família um subsídio de mais de MIL CONTOS para ser distribuído pelas Casas do Povo do Distrito garantindo a todas as necessárias possibilidades financeiras para cumprir rigorosa e plenamente aquele esquema de benefícios.

falta de um centro onde se preparem teórica e praticamente os feitores e trabalhadores rurais de que a lavoura carece.

Não descarta também esta Federação, integrando-se aliás num espírito e numa directriz que já são antigos, a preparação e valorização do elemento feminino do meio rural.

Os Centros Sociais de Educação Familiar que funcionam em diversos Organismos são disso testemunho e são também do alto espírito de compreensão dos problemas sociais e de colaboração das diversas Firms e Entidades que tornaram possível a sua criação e possibilitam a sua manutenção.

Acontece porém que os meios que mais precisam são aqueles onde não há indústrias, nem comércio, nem pessoas que possam por si só acarretar com o encargo de suportarem realizações deste género.

Daqui nasceu o apelo que esta Federação resolveu lançar em todo o Distrito e até fora dele, junto daquelas pessoas que aqui têm propriedades

ou interesses, para que se inscrevam como sócios benfeitores deste Organismo.

A verba que assim voluntária e caridosamente fôr entregue à Federação por aqueles que precisam menos em favor dos que precisam tudo — os rurais dos meios nítida e essencialmente agrícolas — será aplicada não só na ampliação da Colónia de Férias como ainda na criação de várias equipas de agentes rurais e assistentes familiares que se desloquem pelo Distrito para promoverem, através de cursos intensivos e periódicos, a valorização e o progresso das mulheres e raparigas dos nossos campos. Esta Federação põe uma grande esperança neste apelo e estando certa de que ele será atendido, espera também pôr a trabalhar no princípio do próximo ano, as primeiras equipas de trabalhadoras sociais.

Finalmente esta Federação está a diligenciar no sentido de criar em Braga, um Centro de recolha e divulgação de trabalhos artesanais, destinado não só a tirar o maior proveito da riqueza imensa que representa o trabalho artesanal no Distrito, como ainda a desenvolvê-lo e a promover que lhe sejam facultados os meios necessários e a orientação con-

veniente para que se mantenha dentro das suas tradicionais linhas de desenvolvimento.

Nesse Centro serão expostos e recolhidos todos os trabalhos artesanais do Distrito — olaria, tecelagem, pratas, madeira, objectos e utensílios domésticos, etc. — e por intermédio dele será feita a sua colocação no mercado nacional e, possivelmente, através dos Organismos competentes, no internacional.

A todos quantos têm colaborado com este Organismo, especialmente à Imprensa Diária e Regional, de quem tanto carinho e apoio temos recebido, a Direcção desta Federação agradece muito reconhecida, na certeza de que há-de ser do esforço, da boa vontade e da compreensão de todos — conjugação de forças que esta Federação deseja promover e realizar — que há-de resultar um maior progresso e bem estar para os rurais; e certa ainda de que há-de ser essa mesma força que merecerá uma forte e inabalável confiança dos Órgãos Superiores do Estado e da Organização Corporativa, que será veículo de novos benefícios para os sócios das Casas do Povo do Distrito e seus familiares.

Visado pela censura

2.ª Publicação



TRIBUNAL JUDICIAL DE VILA VERDE ANÚNCIO

No próximo dia 9 de Janeiro, pelas 10 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca e em virtude do ordenado nos autos de Carta Precatória vinda do Tribunal Judicial de Braga e extraída dos autos de Execução Sumária em que é exequente Álvaro Dias de Carvalho, solteiro, maior, proprietário, do lugar de São Paio, freguesia de Soutelo e executada Rosa de Sousa, viúva proprietária, do lugar do Calvário, freguesia de Soutelo, vai-se proceder á arrematação em hasta pública, em primeira praça, pelo maior lance oferecido acima dos valores que vão indicados, dos seguintes prédios:

PRIMEIRO—Prédio rústico denominado «Campo da Poça», de terreno lavradio, com árvores avidadas e oliveiras, situado no lugar da Poça, freguesia de Soutelo, descrito na Conservatória sob o número 50.370 a fls. 72 do livro B-128, inscrito na matriz predial rústica sob o artigo 22, com o valor de TRES MIL E QUARENTA E OITO ESCUDOS.

SEGUNDO—Prédio rústico denominado «Bouça de Larim», de terra de mato e pinheiros, situada no lugar de Larim, freguesia de Soutelo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 50.371, a folhas setenta e duas verso do Livro B-128, inscrito na matriz predial rústica no artigo 189, com o valor de MIL SEISCENTOS E OITO ESCUDOS.

Vila Verde, 14 de Dezembro de 1962.

O Juiz de Direito,

a) — Manuel Augusto Gama Prazeres

O escrivão da 1.ª Secção

a) — Manuel Augusto Monteiro da Silva

Por outro lado e por virtude dos acordos que têm sido celebrados com a Federação de Caixas de Previdência — Serviços Médico-Sociais, os quais abragem já mais de dois terços das Casas do Povo deste Distrito, tem-se melhorado imenso a assistência médica às populações rurais tendo passado o número de consultas por semana, de uma ou duas para diária ou diária de manhã e de tarde, e o número de clínicos de um para dois, três ou quatro, garantindo assim ao beneficiário a possibilidade de escolha do médico que preferir.

As Casas do Povo começam também a ter os serviços de enfermagem e de partos garantidos por profissionais, e no decorrer do próximo ano far-se-á um esforço sério no sentido de se conseguir a extensão desta regalia a quase todos os organismos.

Este quadro de benefícios que já são uma realidade, deve ser completado com uma referência à Colónia de Férias Prof. Dr. Gonçalves Proença que já este ano funcionou na freguesia de Mar, Concelho de Esposende, beneficiando 300 rapazes e raparigas filhos de trabalhadores rurais, crendo-se que no próximo ano tal número possa ser aumentado.

A preparação profissional dos trabalhadores rurais também tem preocupado esta Federação e assim, em colaboração com o Posto Agrário de Braga, promoveu a realização de vários cursos de podadores e de um de capatazes fito-sanitários.

Presentemente decorre em Braga um curso para habilitar os trabalhadores rurais que nele participam a trabalhar com as diversas máquinas agrícolas, incluindo tractores, e vão realizar-se três cursos de podadores de oliveiras — Fafe, Guimarães e Braga — e um curso de podadores de oliveiras — Terras de Bouro.

A Federação continua também as suas diligências para criar no Distrito a tão necessária Escola de Adestramento Agrícola, que se destina a preencher a grave lacuna da

CLIC... ECONÓMICO... CLIC... SEGURO... CLIC... SIMPLES... CLIC... PRÁTICO... ASSISTÊNCIA TÉCNICA E GARANTIDA

CAMPANHA

DE NATAL

DA GASEL

Até 31 de Dezembro A GASEL, além do desconto de 10% na venda de Fogões; Fogareiros; Esquentadores e Aquecedores a Gás, oferece UM BRINDE que vai até 240\$00 e ainda UMA GARRAFA (13 K.º) de GÁS MOBIL.

A todos os consumidores que assinarem novos contratos além da oferta da GARRAFA DE GÁS MOBIL oferecemos mais UM BRINDE que vai a 120\$00

Minha senhora aproveite esta oportunidade de levar para casa de V. Ex.ª... — CLIC — Símbolo de Economia; Segurança e Simplicidade, que o GÁS MOBIL oferece através da

GASEL

DE — A, RAMOS & C.º L.º

Largo Dr. Oliveira Salazar

Telef. 62155

AMARES

SE SABE O QUE FAZ... COZINHE COM MOBIL GAS... O GAS DA BOA DONA DE CASA ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA

FUTEBOL

Campeonato Distrital da F. N. A. T.

Leões da Modelar, 2 - Landim, 4

Ao intervalo 1-3

O resultado que deu o primeiro dissabor a uma equipa que vinha sendo das mais regulares na prova. Um desafio que se antevia simples para as nossas côres e que com dois golos de sorte para o Landim, se tornou difícil a tal ponto de o resultado final ser de 4-2 favorável ao visitante.

Mas esmiuçando melhor estas simples referências, temos de concordar que o grupo da Modelar se apresentou no rectângulo desfalcadíssimo de valores que foram afastados temporariamente da prova, por motivos que não vale a pena citar para não ferir organizações que deveriam ser cem por cento justas e imparciais o que infelizmente não acontece.

Ora, desfalcado, como dissemos, o nosso grupo entrou deliberadamente ao ataque e só não foi o primeiro a marcar porque a sorte não quiz.

O mesmo não aconteceu com o Landim onde os seus avançados viram coroados de êxito remates que, com o guarda-redes titular talvez nunca teriam sido golos.

Seja qual equipa for e muito pior para equipas com poucos recursos físicos, dois golos nos primeiros vinte minutos e mais contra a corrente do jogo, abalam quem os sofre e foi isto mesmo o que se viu no passado domingo no Campo de Jogos L. C. Abreu, onde uma equipa tentava aumentar a vantagem e outra diminuí-la. E foram ainda os visitantes que conseguiram o 3.º golo e praticamente o desafio ficou resolvido.

Ainda tentaram os nossos rapazes, modificar nesta primeira parte, o resultado, mas mais não conseguiram do que marcar um golo na sequência dum canto e com o resultado de 3-1 favorável ao Landim se chegou ao fim da primeira parte.

No recomeço, as equipas começaram a jogar com sentido nitidamente oposto vendo-se o Landim

a tentar segurar o resultado e o Amares dando tudo por tudo para conseguir modificar o mesmo; mas o tempo regulamentar findou conseguindo cada equipa mais um golo. E com o resultado de 4-2 favorável aos visitantes se chegou ao termo da partida.

Este encontro foi o primeiro depois de três vitórias consecutivas, que os representantes de Amares perderam, mas nada de desânimos pois que, temos a certeza, os Leões da Modelar não-de no fim deste campeonato conseguir lugar na classificação que honre o concelho de Amares.

A classificação ficou assim ordenada:

	J	V	E	D	F	C	P
Riopele	4	4	0	0	27	3	8
Fafe	4	4	0	0	22	3	8
Leões Modelar	4	3	0	1	12	7	6
Landim	4	3	0	1	10	8	6
Onça	4	1	0	3	5	7	2
Confiança	4	1	0	3	4	19	2
Ruivães	4	0	0	4	2	13	0
Dume	4	0	0	4	1	23	0

Nos outros encontros verificaram-se os seguintes resultados:

Onça, 2 Fafe, 3
Riopele, 7 Dume, 0
Confiança, 1 Ruivães, 0

A Luz Duns Olhos

Foi Sirio, radiosa e linda estrela
Em pleno firmamento a cintilar,
Que aos seus olhos mandou a luz mais bela
Que Vulcano acabava de forjar.

E o Sol, astro rei sempre a boiar
Suspenso sob o azul da grande umbela,
Quiz também com seus raios avivar
Ainda mais a luz dos olhos dela.

Mas nem sempre lhes vejo essa alegria
Que a Primavera empresta, dia a dia,
Aos jovens corações, em flores e sonhos.

Olhos que os olhos meus veneram tanto,
Olhos castanhos e de raro encanto,
Quanto eu daria para os ver risonhos!...

O SPORTING

está em primeiro lugar do Campeonato Nacional da Primeira Divisão

Disputou-se mais uma jornada do Campeonato de Futebol da primeira Divisão e mercê da sua vitória no Estádio de Alvalade, sobre o Belenenses, o Sporting passou, isolado, para o comando da classificação.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

Vitória de Setubal-Futebol Clube do Porto, 1-1; Atlético-Cuf, 3-2; Leixões-Benfica, 0-0; Feirense-Olhaneense, 1-0; Vitória de Guimarães-Académica, 2-1; SPORTING-Belenenses, 3-0; e Barreirense-Lusitano, 0-0.

Dr. Carlos Teixeira de Sousa

Passa o seu aniversário natalício na próxima segunda-feira, dia 31, o sr. dr. Carlos Augusto Teixeira de Sousa, Subdirector da Alfândega de Lisboa e filho respeitado desta vila.



O distinto aniversariante goza entre nós do maior respeito e estima pelas altas qualidades que o exornam. Gostosamente lhe enviamos as nossas saudações com o desejo de um Ano Novo Feliz.

PORTUGAL NO LIMÍAR

da Taça da Europa

Em Sófia: 3—1. Em Lisboa: 3—1. Em ambos os casos: golos dos búlgaros marcados nos últimos minutos.

Dentro de dias disputar-se-á o terceiro encontro, que ditará definitivamente qual dos dois países entrará na fase final da Taça de Futebol das Nações da Europa. E se os resultados nada dizem quanto à possível superioridade de um ou do outro dos contendores, parece que se poderá, desde já, garantir que Portugal está mais próximo do apuramento do que a Bulgária.

Para este raciocínio, bastará lembrar que os búlgaros, nesta altura do ano, estão no fim da sua temporada de futebol, com oito meses de jogos de campeonato, ao passo que os portugueses, tendo começado a época há dois meses, melhorarão de semana para semana. Os próprios resultados o dizem.

Por outro lado, o facto de terem os eslavos marcado golos, em ambos os jogos, nos últimos minutos, parece demonstrar que há, da sua parte, maior fundo atlético, que lhes permite chegar ao fim ainda com forças para mais ou que os portugueses não podem aguentar o mesmo ritmo até aos derradeiros minutos do encontro.

E esse facto confirma a mesma teoria que nos norteia: ao passo que os búlgaros estão mais rodados e, por isso mesmo, com maior fundo atlético para escalonar pelos noventa minutos dos desafios, os portugueses ainda não atingiram a plenitude da forma, mas para ela caminham e dela se aproximam.

Anote-se, ainda, que a equipa portuguesa, em Sófia equilibrada e «capaz» de atacar, em Lisboa mostrou certo desequilíbrio e foi escolhida para atacar a todo o custo. Se o facto já era, esperado pelos adversários, que terão empregado os melhores trunfos para contrariar esse geito de ataque, então ainda mais se destaca o facto de ter sido possível chegar aos 3--0...

O que se modificou tão fundamentalmente na equipa, de Sófia para Lisboa, de modo a permitir anular a vantagem de dois e ter estado muito perto a vitória por margem que dispensasse terceiro jogo?

As modificações fundamentais de estrutura da equipa foram o recuo de Coluna para médio, a entrada de Rocha para avançado-centro, mas

com a missão de andar por todo o campo, ligando a defesa ao ataque—«lançadeira» lhe chamou o seleccionador nacional, dr. José Maria Antunes, ao definir função idêntica desempenhada no encontro de Sófia por Hernani—e a nova posição de Hernani, que funcionou como cunha, sempre metido entre a extrema defesa dos visitantes, aproveitando a mobilidade de Rocha e de Eusébio para marcar dois golos.

A isto deve-se juntar a solidez do compartimento defensivo com a única excepção de Angelo—que em Lisboa foi tão fraco elemento como em Sofia fora sólido baluarte—mas com duas grandes exibições de José Carlos e de Raul.

Previsões para o terceiro jogo? Em primeiro lugar, parece que não é definitiva a escolha de Francfort para o encontro decisivo. Na verdade, os dirigentes portugueses, que haviam concordado com aquela cidade quando ainda não se sabia se se tornaria necessário essa «final» verificaram que jogar tão ao norte da Europa—ainda mais ao norte do que a própria Bulgária...—só iria dar vantagens a equipa mais habituada a jogar na neve.

Ora 2 de Janeiro (data escolhida) promete inegavelmente neve, e alta, nos campos de Francfort. E por isso estão em curso novas negociações, para que se combine o encontro para terreno verdadeiramente neutral, que não dê aos búlgaros a vantagem incontestável de um clima a que só eles estão habituados.

Quanto à equipa, parece que haverá a possibilidade da substituição de Angelo—não vá dar-se o caso da sua inferiorização de domingo significar abaixamento de «forma»—e que haverá no plano tático uma simples modificação. O papel de «lançadeira», que em Sófia coube a Hernani e em Lisboa recaiu sobre Rocha, será repartido pelos dois—e na primeira parte será Rocha o «vagabundo», para na segunda esse papel ser atribuído a Hernani.

Seja como for, desde que não se obrigue a equipa portuguesa a jogar em relvado que mais aconselhe o esquí, pode ter-se a esperança de que Portugal, ao fim e ao cabo, ficará apurado. Tem jogadores e futebol para isso.

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
A M O D E L A R

Telefone 62113

Amres